

«O TEMPO E O MODO» N.º 56

Provas enviadas à Censura em

5 de 1 de 1968

J. G. Karve, Jost de Castro,
J. Dresch, R. Dumont, Ben Barka
— Agricultura. Reforma Agrária e
Desenvolvimento Económico. Prelo
156 p.

A expressão reforma agrária vem sendo aplicada a medidas de política agrícola referentes à dimensão, propriedade e sistemas de exploração da terra, muito diferenciadas tanto no objectivo como na forma e na época. Assim designa tanto as leis de Sólon, de 580 A. C., respeitantes à propriedade da terra como o amplo conjunto de legislação agrícola promulgado em Cuba depois de 1959.

Não deve, pois, identificar-se a designação reforma agrária a um modelo rígido e se, actualmente, se associa a esta o parcelamento das grandes propriedades rústicas privadas, é porque esta ideia nos ficou dos anos vinte e trinta do presente século em que este foi o carácter das reformas nos países da Europa Central e Oriental. Modernamente a preocupação pelo desenvolvimento económico, mais acentuada nas últimas três décadas, obrigou à adaptação da agricultura às exigências deste, tornando necessário que a reforma agrária se dê um conteúdo mais amplo que a simples repartição dos latifúndios.

O presente livro, constituído por uma colectânea de textos de vários autores, dá-nos uma panorâmica de algumas experiências recentes de reforma agrária na perspectiva dum ajustamento da agricultura ao desen-



SERVIC. DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

«O TEMPO E O MODO» N.º 56
Provas enviadas à Censura em
n.º de 1 de 1968.

volvimento económico. Assim, seguindo-se a um texto introdutório de J. D. Karve que aborda alguns aspectos de ordem geral, Josué de Castro refere o problema agrícola brasileiro, R. Dumont dá-nos uma breve mas clara visão da reforma agrária na China, Índia e América Latina. J. Dresch passa em revista o problema do Médio-Oriente Muçulmano e Ben Barka refere o caso de Marrócos.

A exposição inicial de J. D. Karve, embora esclarecedora e tocando na generalidade dos aspectos importantes, é um pouco superficial no tratamento dos diversos pontos. Note-se contudo que é perfeitamente elucidativa como introdução aos textos seguintes e este é, afinal, o seu objectivo. Este autor foca um aspecto que não queremos deixar de por em realce e se prende com formas modernas que vêm sendo tentadas para a reconversão da agricultura tradicional como a «agricultura de grupo», que não refere, e noutra plano o desenvolvimento comunitário. Em relação a este último afirma J. D. Karve que *«se (...) a ênfase na solidariedade e auto-ajuda se destina a embotar uma campanha vigorosa de justiça social com todos os recursos da nação, o movimento tende a ser mais um aliado da reacção do que do progresso»* (pág. 38), o que se aplica «mutatis mutandis» à agricultura de grupo.

Os restantes autores apresentam as suas apreciações críticas tomando como base o esquema que seguidamente vamos referir, de modo demasiado simplista, por eles abordado explícita ou implicitamente e em geral de modo parcelar. Vejamos o esquema. O arranque para o desenvolvimento económico exige a acumulação de capital de modo a poder fomentar-se o processo de industrialização e a

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

«O TEMPO E O MODO» N.º 56
Provas enviadas à Censura em
1 de maio de 1968.

modernização da agricultura. Para isto convém aumentar a produtividade dos factores de produção — nomeadamente da mão-de-obra — quer pelo seu pleno emprego quer pelo recurso a uma tecnologia conveniente em unidades de produção bem dimensionadas. Consegue-se assim a criação de reservas de capital simultaneamente com a possibilidade da saída de mão-de-obra da agricultura para os outros sectores da economia. Paralelamente torna-se necessário elevar o nível de vida e de instrução do campesinato de modo a constituir-se um mercado para a produção industrial.

Torna-se evidente que a reforma agrária, centrada nestes moldes, levanta todo um conjunto de problemas e situações que se podem repartir, como o faz Ben Barka (pág. 122), em quatro categorias: a) problemas de política geral; b) problemas de esolha da dimensão, da repartição e formas de exploração e dos direitos de propriedade; c) problemas de técnica agrícola e d) problemas de sociologia, psicologia e mentalidade dos camponeses.

No presente livro os diversos autores tratam em especial o primeiro ponto, abordando, no geral, os outros de forma parcelar e como contributo à compreensão dos aspectos de política geral. Esta limitação do assunto não invalida de modo algum o interesse das exposições, pois se não constituem um manual de reforma agrária, fornecem-nos um objecto de reflexão do modo como o jogo das forças políticas pode interferir na validade da reforma agrária e consequentemente no desenvolvimento económico.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

F. B.

3



sem que a inflação por isso se agrave
duma maneira inoportável. Con-
forme uma ou outra destas duas hipó-
teses seja verdadeira (e parece ter
havido no último ano uma alteração
na consideração oficial em relação ao
problema) diferentes terão que ser as
políticas adoptadas e, mais, as con-
sequências.

Segunda parte: *alguns problemas,
económicos nacionais*. Depois duma
visão genérica da economia nacional,
Eduardo Guerra analisa a crise viní-
cola, a especulação, o aproveitamento
das pequenas poupanças, e os efeitos
dos capitais externos sobre o desen-
volvimento económico, colmatando
assim, em certa medida (certa medida
só, pois não se realiza assim uma
análise macro-económica da procura
privada) os defeitos que atrás apon-
támos

Terceira parte: *alguns problemas
teóricos*. Além dum pequeno artigo
de divulgação sobre a planificação,
que parece esquecer por completo o
que de novo aqui se passa depois de
Liberman (sem falar em Lange) e
de estudos sumários (sobre leis econó-
micas e sobre o terceiro mundo) cuja
publicação não nos parece particular-
mente interessante, há a assinalar uma
análise magistral (ainda ou porque
discutível) da integração económica
europeia no que a Portugal concerne;
cuja leitura atenta vivamente se
recomenda.

Trata-se, repete-se, dum livro muito
mau (porque não diz metade do que
seria preciso dizer — mas mais nin-
guém, nenhum diz) e muito bom (por-
que a metade que diz é já suficiente
para exigir a nossa atenção). Trata-se
também dum livro, mais complexo
do que pode deixar prever a brevidade
e a simplicidade desta análise. Mas
isso ficará para quem o quiser ler.

Luís Salgado de Matos

NO TEMPO E O MODO» N.º 22
Provas enviadas à Censura em
5 de 7 de 1968



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

94

NO TEMPO E O MODO N.º 556
Provas enviadas à Censura em
Lisboa de de 1958.



MANUEL DA FONSECA

O homem sentou-se junto da porta, único sítio com duas mesas desocupadas. Sem fixar ninguém, circunvagou o olhar pelos rostos das raparigas. Também havia rapazes, mas em menor número. Ouvia-se o rumor de folhas de papel, páginas de livros. Uma frase ciciada soou. Remotamente, ocorreu-lhe que havia perto uma Faculdade. Apenas vaga recordação, que logo esqueceu.

Recostou-se na cadeira para um breve intervalo de sossego no dia fatigante. Queria descansar. Estar quieto. Não pensar em nada. Recostou-se me-

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÊDE)
CORTADO

9

lhor, e a frescura da sala apaziguou-o.

Estava-se ali bem. Paredes claras, lisas, sem espelhos nem cromados. Era um café novo, ainda limpo e decente. O próprio criado, sujeito de meia-idade, tinha um ar discreto.

— Vermute — pediu o homem.

A escolha surpreendeu-o. Não sentia desejo especial por qualquer bebida. Só a atitude do criado, de bandeja à altura do peito, a face aberta num sorriso de linhas hirtas, profissional, lhe sugerira, nem sabia por quê, o vermute.

Umhas tantas cabeças ergueram-se dos livros, olharam para a porta. O homem voltou o rosto.

Seguro pelo braço, orientado por uma mulher de cabelos amarelados, um rapaz avançava, hesitante. Trazia óculos negros, côncavos, encostados às órbitas. A mulher puxou a cadeira, e ajudou-o a sentar-se na mesa ao lado onde o homem se encontrava. O rapaz poisou as mãos sobre a mesa. Ficou de cabeça inclinada para a frente, à escuta.

A luz, vinda da rua, iluminava-o, e o homem viu que duas cicatrizes arrendadas, grossas, cortavam o rosto do rapaz, desde as fontes, pelo meio das faces, até à boca.

«O TEMPO E O MODO» N.º 563
Provas enviadas à Censura em
S. do de 1968.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

2 10

Viu com nitidez brusca, dolorosa. Despegou as costas do espaldar da cadeira, endireitou o tronco.

O criado, impassível, aguardava.

— Vermute — repetiu lentamente o homem. — Acho que foi isso que eu disse.

— De certo. — O criado mantinha a mesma expressão superior, embora condescendente. — Longe de mim duvidar, mas só agora entendi.

— Então, se não o contraria muito, agradeço que mo sirva.

— Como?

— Agradeço que me sirva essa bebida.

Os olhos claros do criado demoraram-se sobre o homem. Devagar, meteu pela coxia, entre as mesas.

— Que queres tomar? — perguntava naquele instante a mulher.

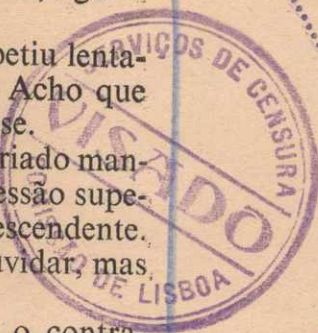
— Cerveja. Uma cerveja fresca. — O rapaz falou de cabeça tombada, sem se mover, e a voz era apática, como se o seu pensamento estivesse ausente do que dizia.

— E comer? Queres uma sandes?

— Não, tia. Não quero comer.

Cinquentona, magra, de boca e olhos muito pintados, uma mulher entrou.

«O TEMPO E O MODO» N.º 56
Provas enviadas à Censura em
...5. de de 1958.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Handwritten initials and a flourish.

— Viu-os da rua!
Pôs o saco das compras numa cadeira, beijou a tia do rapaz, sentou-se.

— Já agora aproveito, e bebo um café.

O homem notou que a mulher não tinha cumprimentado o rapaz e o fitava, indecisa. Parecia arrependida de ter entrado.

— Você? — interrogou ela, forçando um tom banal. — Como tem passado?

— O costume — respondeu o rapaz, sem erguer a cabeça.

— Que me dizem ao calor que tem feito hoje? — prosseguiu a mulher, como se não o tivesse ouvido. — Nem se pode andar na rua.

Tirou do saco das compras, a bolsa e de dentro da bolsa o maço de cigarros e o isqueiro. Acendeu um cigarro, soprou o fumo.

— Ele não dorme — disse, em voz baixa, a tia do rapaz.

A face ossuda e destruída da mulher encrespou-se.

— E o médico? Não lhe receita nada?

— Sim... Mas não dorme.

— Talvez lhe doa ainda —olveu rapidamente a mulher.

— De noite, é quando se sentem mais as dores.

— Nunca me doeu — disse o rapaz. — Nem sequer quando... Bem. Apenas não durmo.

NO TEMPO E O MODO N.º 56
Provas enviadas à Censura em
... de ... de 1956.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

4 22

«O TEMPO E O MODO» N.º 56
Provas enviadas à Censura em
..... de de 1968.

Há seis meses que não durmo.

Ao levar o cigarro à boca, a mão da mulher tremia. Estendeu o braço para o criado, que se aproximava, e as pulseiras tilintaram.

— Faça favor!

Imperturbável, o criado continuou até à mesa onde o homem se encontrava. De pálpebras baixas, lento, como se executasse a mais digna missão deste mundo, poisou o cálice, mostrou o rótulo da garrafa.

— Pode ser — anuiu o homem.

Agarrou o cálice. «Tenho que me ir embora daqui» — pensou ele. «Sossegar. Estar quieto. Não pensar em nada». No entanto, continuava a rodar o cálice entre os dedos e notou, de repente, que o rapaz era muito novo. Até os lábios, polpudos, guardavam ainda o recorte puro dos adolescentes.

— Que vão tomar? — perguntou a mulher, quando o criado parou junto da mesa, muito apumado, no seu jeito de benevolente dignidade. — Eu bebo um café.

— Traga uma cerveja fresca — disse a tia do rapaz. — E, para mim, um galão morno e bolos. Bolos secos.



SERVIÇOS DE CENSURA
CORTADO

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

45 13



— Café, cerveja, galão, bolos — repêtiu o criado, e afastou-se.

O rapaz escutava, imóvel, as vozes que se erguiam ao fundo do café. Principalmente quando eram vozes de raparigas. Não se mexia, notou o homem, e, no entanto, parecia inclinar-se, por dentro, para o lado de onde soavam as vozes, embora continuasse de cabeça caída para a mesa, como quem sabe que já não pode ter mais do que isso.

— E a América? — indagou a mulher, esmagando a ponta do cigarro no vidro sujo do cinzeiro. — Não está posta de parte essa hipótese?

— Não — respondeu-lhe a tia do rapaz. — Estamos a preparar as coisas. A minha irmã procura reunir uns dinheiros. É cara, a viagem. Mas o médico é que dirá quando devemos ir.

— Oxalá seja o mais depressa possível — desejou a mulher, com uma veemência malsoante — Lá curam-no. Decerteza que o curam.

— O médico dirá... — murmurava o rapaz, de lábios levemente distendidos num sorriso de cicatrizes e de carne macerada, áspera, como ferro martelado. — Há seis meses que não durmo. Desde que isto aconteceu, que não durmo.

NO TEMPO E O MODO» N.º 56
Provas enviadas a Censura em
de de 1968.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

14



Baixou mais a cabeça. Um terror longínquo insimava-se-lhe na voz. Recolhido, íntimo, parecia falar apenas para a tia.

— É sempre o mesmo. Sempre. Quando estou muito cansado e suponho que vou afundar-me no sono, começo a ouvir, de repente, os ruidos da floresta, ao anoitecer, e estala aquele clarão e já não durmo. É sempre, sempre tal qual como no momento em isto aconteceu.

O homem bebeu o vermute com um só movimento de mão. Queria sair dali imediatamente, e aguardou que o criado servisse a mulher, a tia do rapaz e o rapaz. Mas o criado mostrava não ter pressa nenhuma. Colocou tudo meticulosamente cada coisa de sua vez, e, com o mesmo ar de dignidade profissional, encheu o copo de cerveja.

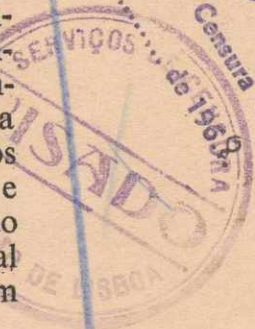
A mão do rapaz tateou sobre a mesa. A tia pegou-lhe no pulso, levou-a até ao copo, e todo o corpo do rapaz se contraiu numa dorida rigidez. Ainda não estava habituado a ser cego.

O homem apercebeu-se de tudo isso. Abruptamente, interpelou o criado:

— Traga-me outro vermute!

Apertou as mãos uma contra a outra, movendo-as, roçando

NO TEMPO E O MODO N.º 54
Provas enviadas à Censura em
S. de ... de ... de 1968



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

25

palma contra palma. Depois, passou-as pela cara. Alheado; tirou um cigarro do maço, abriu a tampa do isqueiro. Mas não o acendeu.

O criado voltara, e o vermute rebrilhava na concha delicada e transparente do cálice. Bebeu, enchendo a boca deixando-o escorregar pela garganta. «É bonito um copo com vinho» — pensou. Talvez por isso, talvez pelo intenso sabor amargo apeteceu-lhe repetir. Apontou para o cálice. O criado veio, e encheu-o de novo.

— Deseja o jornal da tarde?

— Não.

— Hoje há notícias importantes.

O homem acendeu o cigarro. Notícias importantes. Guerra? Política?

— Nenhuma notícia me interessa. O café tem ar condicionado? Quase se não nota.

— Bem... A máquina é nova, pode graduar-se como se quer.

— Esta é a melhor graduação. Nem muita, nem pouca.

— Também acho. Deseja azeitonas?

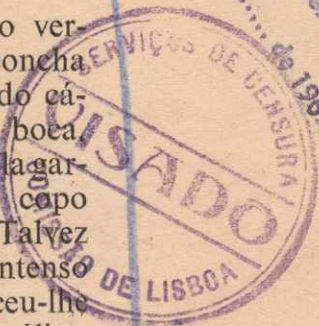
— Não. Apenas vermute.

Esvasiou o cálice. Um travo amargo que já não lhe apeteceia repetir. No entanto, insistiu:

— Ponha mais.

Tirou uma nota, pô-la sobre

PROVAS ENVIADAS A CENSURA EM
15 de ... de 1968



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

8 26

a mesa. O criado fêz o troco, deu-lho. O homem escolheu uma moeda, guardou o troco no bolso do casaco. De olhos fixos no criado, pôs-se a bater com a moeda contra o tampo da mesa.

— Gosta de falar no que vai pelo mundo? — perguntou delicadamente. — Coisas de guerras, hã? Acho bem. É sempre interessante saber o que pensam das guerras os nossos concidadãos.

O rosto do criado endureceu. Os olhos claros dilataram-se-lhe no fundo das pálpebras escuras e inchadas.

— O senhor gosta de brincar...

— Muito! — gritou o homem.

Largou a moeda, bebeu o vermute. Ergueu-se, e segurou, com força, o braço do criado.

— Muito! — repetiu. — Então, agora, nem cálcula a alegria que sinto!

Afastou-o bruscamente, e encaminhou-se para a porta.

De todo o café o olhavam, admirados.

— O homem enlouqueceu — disse o criado.

De corpo tenso, cabeça inclinada para a mesa, o rapaz escutava os pavorosos ruídos da floresta, ao anoitecer.

Manuel da Fonseca

9 27

NO TEMPO E O MODDO N.º 56
Provas enviadas à Censura em
de 1962



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO



123

«O TEMPO E O MODO» N.º 56.
Provas enviadas à Censura em
Lis. de ... de 1967



ARTES E LETRAS—Ruy Cinatti

DIA DE REIS — 1967...

Tanto tempo perdido!
Tanto, tanto tempo perdido, meu
[Deus,
para isto!
Viagens, orações, massadas, perigos,
um frio de rachar, portas fechadas,
a consciência presa e os amigos
a cochicharem
atrás das portas:
«nunca se sabe
o que ele faz.
Quer dizer:
imagina muito.»

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

18

124

Se fosse apenas isto...
Mas há os Herodes a matar crianças
e os jagodes, digo, os legionários
romanos a bater sandálias
e sabres, a jogar os dados
em cima dos pianos.
Há as descobertas, o desemprego, o
[desleixo

tradicional português...
Há os fascistas, fariseus e escribas
e os comunistas...

De cá para lá, de lá para cá,
os peixinhos encarnados
numa pia de água benta,
também há.

Tudo por isto e afinal vencido
por isto:
um presépio
de papelão.

Palhinhas, um burro, uma vaca.
Um menino deitado no chão.
E já me esquecia, há
os sur-
realistas e os né-
õ realistas. Texto. Vide.

Há sua Mãe, S. José,
de queixo caído, o querido!,
enquanto uns tipos magos lá da serra,
de olhos em bico, oferecem,
fumo, tlim-tlim, pimenta,
e uma estrela de prata,
de papel de prata,
lá no alto berra
por um alto falante:

*Glória a Deus nas
alturas,
e paz na Terra
aos homens de boa vontade.*

«O TEMPO - O MODO» N.º 516
Provas enviadas à Censura em
nome de *[assinatura]* de 196.8.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

19



«E viva eu cá na terra sempre triste.»
Camões grande Camões, como é pare-
[cido
o meu destino ao teu quando distingo
entre uns e outros
os
homens de boa vontade!»

«Vivo em país ocupado,
Olha quem! Mas tenho — enten-
[da-se
boas relações
com o ocupante. Estou ocupado.»

Se a tenda ardesse...
pôça pó tango!...
era uma chatice.

Minha rica liberdade!

Quem casa não pensa.
Quem não pensa casa.

«Com a TV, então é não casar.
Mas pense-se. Ai não!
E do turismo
agora em voga
no fim do ano?
Da lusitana antiga liberdade
há sempre o mito
que é vida.
Que é vida.
Que é vida?
Que é vida!

«O TEMPO DO...» N.º 56
Provas enviadas à Censura em
[da-se] de 1968.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

128

E a censura? Basta! Censuremos.»

Mas há um menino manso
a dizer-nos o que pensa.

«Quem faz da Lei o seu lado
nada teme.

Quem anda com a lei ao lado
não tem razão para temer
nenhuma instituição.

Quem vive com a Lei ao lado
não teme, nem descuidado
a mais pura inteligência surda.»

«Mas que grande pateta me saíste»
diz aqui ao meu lado
um pateta d'asas.

«Então, e os pastores
acotovelados,
a conversarem,
a esfregarem as mãos,
a tagarelarem
uns com os outros?

Então, e os carneiros
afocinhados
uns nos outros?

Achas pouco
começar o ano
com balidos, baladas
de carneiros?!
Com homens de mão no ombro
dos parceiros,
a conversarem?!

Vem conosco festejar os reis
magos.
E com eles, o nosso
Rei.

«O TEMPO E O MODO» N.º 56
Provas enviadas à Censura em
1 de Janeiro de 1958.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

21

127

«O TEMPO E O MODO» N.º 5.56
Provas enviadas à Censura em
12.11.66 de 1966

Bate-lhe uma grande pala.
Faz-lhe grandes reverências.

Tens aqui uma fatia cortada
de bolo-rei
para ti.
E um cálice de Porto
para ensopar.
Vem daí!»

Grande a conversa telefónica
aqui
ao meu lado.

Grande a fatia cortada
de bolo-rei
para mim!
Que bem me sabia o Porto!

Mas tanto tempo perdido...
Ó quanto tempo perdido
de parvoice
dos homens, apenas homens!

E comi. Estava vencido
e convencido
de antemão
por isto apenas:
um menino chão;
um anjo de asas cortadas.

Quem era o desconhecido
com asas, mas tão parecido
comigo, que telefonava?

Seria o anjo da guarda,
o grande desconhecido?

Seria o meu coração?



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

22



728

«O TEMPO E O MODO» N.º 56
Provas enviadas à Censura em
março de 1958

Mas tanto tempo perdido...

Trrim-trrim!

«Não!

Agora não oiço, não!
Há tempo de falar n'Ele
desde os Reis até à Páscoa.



Agora, dou-me aos amigos
e à garota
de Ipanêma.

Se alguém quer falar de Cristo,
fale com a sua piquena,
ou fale com os seus amigos
quando acabar de dansar
com a garota de Ipanêma.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÊDE)
CORTADO

É minha opinião, claro!
Tenho o direito na mão
e Jesusinho na alma.»

Trim- trrim!

«Está?

«Está!!

Foi engano.

Já não responde ninguém.

Ou então,
fizeram *mal* ligação.

Mas quanto tempo perdido!

Ruy Cinatti

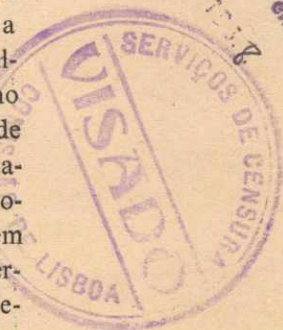
Terminei — JOÃO

23



Nas décadas seguintes à Revolução Francesa, tornar-se-ia dominante a metáfora de uma poderosa corrente subterrânea arrastando consigo os homens, primeiro, à superfície para os feitos gloriosos e, depois, para o fundo, para o perigo e para a infâmia. As metáforas em que a revolução aparece não como resultado do esforço humano mas como processo irresistível, metáforas de correntes e torrentes foram inventadas pelos próprios actores da revolução, que, por muito que estivessem embriagados com o vinho da liberdade abstracta, já não se consideravam agentes livres. E — se reflectirmos bem — como poderiam eles ter pensado que eram, ou tinham sido alguma vez, os autores dos seus próprios actos? Não fora a tempestade furiosa dos acontecimentos revolucionários que lhes fizera mudar as convicções mais íntimas em questão de poucos anos? Não eram realistas, em 1789, os mesmos que, em 1793, se viram levados à execução não apenas de um rei particular (que podia ou não ter sido um traidor), mas também à condenação da monarquia como «*um crime eterno*» (Saint-Just)? Não tinham sido ardentes advogados do direito de propriedade privada os mesmos que, nas leis de Ventoso de 1794, proclamavam a confiscação das propriedades, não só da Igreja e dos émigrés, mas também de todos os «suspeitos», para que fossem entregues aos «desfavoreci-

«O TEMPO E O MODO» N.º 16
Provas enviadas à Censura em
de 1793



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

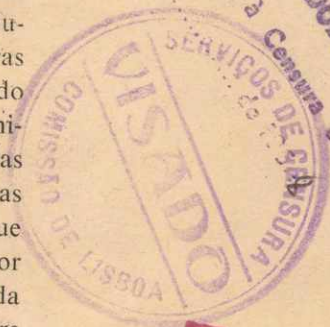
~~25~~

124

imediate de 1789. E se é verdade que, como disse Marx, a Revolução Francesa foi representada de toga romana, é também verdade que todas as revoluções que lhe sucederam, mesmo a Revolução de Outubro, foram representadas pelas regras e segundo os actos que levaram do catorze de Julho ao nove Thermidor e ao dezoito Brumário — datas que ficaram de tal modo gravadas na memória do povo francês que ainda hoje são logo identificadas por toda a gente como as da tomada da Bastilha, da morte de Robespierre e da subida ao poder de Napoleão Bonaparte. Não foi hoje, mas em meados do século XIX que se inventou (Proudhon) o termo de «revolução permanente» ou mais reveladoramente de *révolution en permanence*, e, com ele, a noção de que «nunca existiram várias revoluções, que só há uma revolução, idêntica a si mesma e perpétua».

Se o novo conteúdo metafórico da palavra «revolução» proveio directamente da experiência daqueles que primeiro fizeram e, depois, repetiram a Revolução em França, deve ter tido um grau ainda maior de veracidade para os que observaram os acontecimentos, como um espectáculo visto do exterior. O que chamava mais a atenção no espectáculo era o facto de nenhum dos actores conseguir dominar o curso dos acontecimentos, curso que tomou uma direcção que tinha pouco que ver, se tinha alguma coisa, com os objec-

NO TEMPO E O MODO N.º 16
Provas enviadas à Censura em



SERVIÇOS DE GENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM
CORTES

~~27~~

126

«O TEMPO E O MODO» N.º 1.6
Provas enviadas à Censura em
MAR de 1968

ENCONTRO COM NICHOLAS RAY

por Rui Nogueira e Nicoletta Zalaffi

Encontrámos Nicholas Ray alguns dias antes do Natal de 1966. Trabalhava febrilmente num projecto que não realizará. Esta longa e agradável conversa, de que transcrevemos apenas o essencial, teve lugar no quarto-escritório que o escritor americano James Jones («From Here to Eternity», «Some Come Running», etc.) possui no centro de Paris, na bela e antiga Ilha de São Luís.

Alto, magro, com uma longa cabeleira branca num rosto expressivo e sensível, um à-vontade e uma elegância aliados a uma simplicidade natural de que só os americanos são capazes, Nick Ray impõe-se, logo à primeira vista. Extremamente simpático, aceitou que o voltássemos a ver as vezes necessárias para que, interrogando-o, pudessemos analisar melhor, filme por filme, sequência por sequência, plano por plano, todo a sua obra. Mas, disto tudo, voltaremos a falar um dia.

*

P. — Que aconteceu ao filme «The Doctor and the Devils» que devia realizar na Jugoslávia?

N. R. — Um verdadeiro desastre! Tínhamos um contrato com a «Avala Films» que devia participar com a metade do custo do filme. Construimos

SERVIÇOS DE CENSURA

CORTADO

146



«O TEMPO E O MODO» N.º 16.
Provas enviadas à Censura em
5 de de 1968

«décors» fabulosos, contratamos os actores, gastamos a nossa parte na preparação do filme, como combinado. No dia em que devíamos começar as filmagens, os produtores jugoslavos vieram dizer-nos que lamentavam imenso mas que o produtor-realizador francês Raoul Levy os tinha deixado cheios de dívidas com o seu «Marco Polo» e que eles não podiam avançar um tostão para o meu filme!

P. — Em que projecto trabalha neste momento?

N. R. — Sobre «The Saga of Ghosta Berling», de que gosto imenso. É um livro muito agreste e com personagens bastante selvagens (wild characters). Seria um óptimo filme para a Ingrid Thulin, que vou ver dentro de dias.

P. — Viu o filme mudo de Stiller, tirado do mesmo livro e que é uma das primeiras aparições da Greta Garbo no cinema?

N. R. — Não, nunca o pude ver.

P. — Quando fez *Os Selvagens Inocentes* tinha visto «Nanouk», de Flaherty?

N. R. — Sim, mas há muitos anos atrás. Mas os dois filmes são completamente diferentes. Lembrava-me muito bem de «Nanouk» mas nunca pensei fazer o mesmo filme que

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

1 27
Shi

Flaherty fez e, mesmo se tivesse querido fazê-lo, não teria podido pois não tive as mesmas possibilidades que ele. Em primeiro lugar, Flaherty viveu no Ártico muito mais tempo do que eu e, depois, ele teve uma liberdade que eu nunca tive. De resto, o que pretendi fazer foi um conto de fadas (a fairy tale). O que foi para mim um grande prazer, foi o trabalhar no Ártico. Antes de realizar «The Savage Innocents» julgava que o deserto era a paisagem mais lírica que existia sobre a Terra, mas a verdade é que nada se pode comparar ao Ártico.

P. — No entanto há muitas sequências filmadas em estúdio. Quais exactamente?

N. R. — Quáse todas! Isso prova de resto o grande talento do chefe operador, Aldo Tonti, que venceu inúmeras dificuldades de luz, de tal maneira, que vários outros operadores que viram o filme não foram capazes de determinar exactamente o que tinha sido filmado *em estúdio* ou em exteriores.

CRUEL VITÓRIA

P. — *Cruel Vitória* foi filmado no deserto. Que pensa desse filme? Ainda gosta dele?

«O TEMPO E O MODO» N.º 16...
Proras enviadas à Censura em
de 1 de de 1968.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

48

«O TEMPO E O MODO» N.º 16.
Provas enviadas à Censura em
15 de ~~março~~ de 1968.

N. R. — Gosto muito das minhas intenções, isto é, daquilo que tentei fazer, mas não gosto do filme. Quis fazer um filme sobre a idiotice da guerra, um filme diferente de todos os outros filmes de guerra mas falhei inteiramente e ainda hoje, não sei explicar as razões exactas... Em primeiro lugar não gosto nada da actuação de Curd Jurgens...

P. — O que não impede que seja, mesmo assim, com «Et Dieu Crea la Femme», de Vadim, o seu melhor papel no cinema...

N. R. — Talvez seja, mas continuo a não gostar dele. No entanto acho que *Bitter Victory* tem um bom começo.

P. — O papel de Jurgens estava previsto para Bogart?

N. R. — Não. Tínhamos previsto Monty Clift para o papel de Burton e este para o de Jurgens, o que teria sido óptimo. Há, no entanto, coisas em *Cruel Vitória* de que ainda gosto; a interpretação de Burton, a marcha em direcção a Bengazi, o ritmo do ataque... Gosto particularmente do monólogo interior de Burton antes de liquidar os soldados feridos.

P. — Quando Burton exclama «I kill the alive and I save the dead!» Esta sequênci, que é a melhor do filme, é uma das mais cruéis que se



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

149



TEMPO TO MODO N.º 16.
Provas enviadas à Censura em
11 de 1968

fizeram sobre a guerra...

N. R. — Tenho a impressão que «Bitter Victory» é o primeiro filme que se fez no género, o primeiro filme deliberadamente iconoclasta...

P. — «Paths of Glory», de Kubrick, é posterior?

N. R. — Sim, eu fiz o meu filme um ou dois anos antes. Gosto muito dos filmes anti-militaristas.

P. — Uma outra sequência importante do filme é a do «night-club» onde Burton volta a encontrar Ruth Roman. O soldado ao balcão do bar que explica, com as mãos e os dedos, toda a estratégia de um combate com os canhões e os morteiros imitando perfeitamente os sons das armas em acção, é formidável.

N. R. — Também gosto muito desta cena e guardo, sobretudo, uma bela recordação das filmagens. Ela foi inteiramente filmada num «night-club» de comediantes e o ambiente era formidável.

P. — No livro de René Hardy, que é muito mais cruel, as relações de amizade entre Burton e Pellegrin eram bastante ambíguas o que não sucede no filme...

N. R. — É verdade. Em primeiro lugar Raymond tinha imensas dificuldades em falar



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

150

«O TEMPO E O MODO» N.º 46
Provas enviadas à Censura em
1 de de 1968

o inglês e muitas cenas acabaram por ser improvisadas e outras por ser desenvolvidas ou suprimidas. Assim, a amizade entre os dois é dada, sobretudo, por olhares e há uma espécie de submissão de Pellegrin em relação a Burton. Mas acho que dei o essencial das relações entre estes dois seres.

P. — Que pensa dos actores franceses?

N. R. — Gosto imenso deles. Actores como Reggiani, Georges Wilson ou Jean Vilar são grandes em qualquer parte do Mundo.

BOGART

P. — Tendo feito dois filmes com Bogart, que pensa dele? Era fácil a dirigir?

N. R. — As nossas relações foram simplesmente maravilhosas, quer profissionais, quer extra-profissionais. Um dos seus biógrafos mencionou o facto de, sendo nós tão amigos, só termos feito dois filmes juntos. Íamos fazer mais filmes juntos... Sam Spiegel chegou mesmo o pedir-nos para fazermos para ele, *A Ponte do Rio Kwai!* Tinha também escrito uma história que devia realizar com ele. Mas Bogey pediu-me para o deixar fazer primeiro um outro filme com outro realizador. Depois adoeceu... fui uma das



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

957



«O TEMPO E O MODO» N.º 16

Provas enviadas à Censura em

5 de 1 de 1968.

primeiras pessoas das suas relações a ter conhecimento da doença... após a sua primeira operação... eu estava lá à espera do resultado... é... depois... eu... não... não quis voltar a ver Bogey... mais tarde... antes de partir para a Líbia para filmar «Bitter Victory»... resolvi então vê-lo... telefonei à sua mulher (Lauren Baccal)... e... perguntei-lhe se podia vê-lo ou não... ela disse-me: «ele está inconsciente neste momento... quanto tempo vais estar ausente?...» «seis meses aproximadamente...» disse-lhe... e ela respondeu-me: «ele já estará morto nessa altura!...» Era um tipo formidável e trabalhar com ele era um verdadeiro prazer.

P. — Actores como Bogart já não existem actualmente. Todas estas novas descobertas são absolutamente decepcionantes. Há uma ligeira esperança, talvez, com a nova vaga de actores ingleses mas, apesar de tudo, eles não têm o estofos dos da velha escola. Que pensa dos novos actores?

N. R. — Novas esperanças (newcomers) há-as em todas as épocas. Os grandes actores como Bogey também foram «newcomers». Bogey também era um pouco reticente para com a nova geração. Um dia

SERVIÇOS DE CENSURA

(SÉDE)

CORTADO

952

Shi

«O TEMPO E O MODO» N.º 16

Provas enviadas à Censura em

de 1968

fui a casa dele e levei comigo James Dean. Almoçámos juntos e tornaram-se grandes amigos.

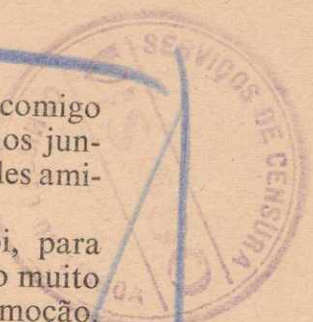
(Falar de Bogart foi, para Nick Ray, um momento muito difícil e de grande comoção. Sabendo a amizade profundo que o ligava a James Dean tínhamos prometido a nós mesmos não falar dele uma só vez. Porém, Nick não pôde evitar referir-se a ele, o que nos fez desviar imediatamente a conversa).

DE HAYKS A GUY HAMILTON

P. — Viu *Traço Vermelho* 7000 o último filme de Hawks?

N. R. — Não, ainda não o vi.

P. — Pois bem, pela primeira vez, depois do princípio do sonoro, Hawks fez um mau filme, um filme completamente falhado. E creio que a razão deste fracasso foi o facto de ter querido apoiar um filme sobre jovens com uma bela aparência mas sem nenhum talento. Já Walsh tinha falhado completamente o seu último filme, *A Distant Trupet*, por causa de Troy Donahue que tenta desesperadamente imitar Errol Flynn em *Todos Morrem Calçados*, do mesmo Walsh



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)

CORTADO

953



«O TEMPO E O MODO» N.º 16

Provas enviadas à Censura em

1 de 1 de 1962

que é uma obra-prima do cinema.

N. R. — Talvez porque ambos os realizadores escolheram actores que não correspondiam aos personagens dos seus filmes...

P. — Não acha que existe, de qualquer modo, uma crise...

N. R. — Talvez. Mas se os realizadores fossem um pouco mais egoístas, no sentido de artisticamente egoístas, e se se protegesse a eles próprios e não fizessem, por exemplo, o que faz Terence Young, isto é, três filmes por ano, aconteça o que acontecer, «bang, bang, bang», com o único fim de ganharem dinheiro e de provarem aos produtores que são um bom investimento e que fazem bons filmes comerciais num espaço de tempo recorde, tudo andaria melhor. São eles que estragam tudo e, sinceramente, prefiro um filme de um cineasta amador aos filmes que eles fazem.

É por isso que eu acho que Guy Hamilton fez o melhor da série «James Bond».

P. — Prefere *Goldfinger* aos outros Bond?

N. R. — Não, o que eu prefiro é Guy Hamilton!



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

954

«O TEMPO E O MODO» N.º 16.
Provas enviadas à Censura em
Lisboa de 1 de 1964

A Utilização da Cor

P. — As cores são muito importantes nos seus filmes. Que significado tem para si o branco?

N. R. — O branco tem muitas significações para mim, exactamente como as outras cores. A cor é relativa. Muito poucos estudos foram feitos sobre a cor. Tomemos, por exemplo, o verde dos quadros de Monk (?) que tem uma significação de «ciúme sombrio». Para outros o mesmo verde pode significar «doença» ou mesmo a atmosfera dos hospitais. Nos USA, por exemplo, uma sociedade de embalagens de garrafas mudou, numa noite, a cor das suas garrafas que passaram de amarelo para verde. Isto provocou, com a mesma rapidez, um aumento de vendas de 30%! Há pessoas que associam a mesma cor ao amor, outras ao ódio. Tudo é muito relativo.

P. — Como prepara as cores dos seus filmes?

N. R. — Escolho-as com muito cuidado. Os meus melhores filmes a cores são *Johnny Guitar*, *A Fúria de Viver* e *A Rapariga Daquela Noite*. Uma vez perguntei a um amigo, com quem tinha visto *A Fúria de Viver* o que é que ele pensava da cena da casa abando-



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

955

10

«O TEMPO E O MODO» N.º 56
Provas enviadas à Censura em
1968

nada onde vemos as peúgas de Platão (Sal Mineo). Ele olhou para mim, espantado, e disse: «Mas o filme era a cores!» Mas, o vermelho de *Rebel* é diferente do vermelho de *Party Girl*. Igualmente o que diz respeito à utilização ao amarelo, do branco ou do verde. Tudo depende da razão porque se utiliza uma cor.

P. — Como explica que «Johnny Guitar» seja o único filme em Trucolor verdadeiramente conseguido?

N. R. — Porque eu estudei tudo com muito cuidado. No filme não há um único bocado de azul: nem um objecto, nem uma peça de vestuário, uma pedra, um cinzeiro, absolutamente nada. E isto porque o azul é uma cor que choca e que é difícil a controlar. No filme que fiz a seguir, quando cheguei ao estúdio para começar as filmagens toda a equipa estava vestida de azul! Eles julgavam que eu não gostava daquela cor o que é absolutamente falso.

«*Party Girl*»

P. — Sabia que Robert Taylor declarou, aqui há tempos, que *Party Girl* era, sem dúvida, o melhor filme da sua carreira de actor?

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

956

"O ARRO E O MOEDO" N.º.....^{r6}
Provas enviadas à Censura em
1 de de 1968



N. R. — Ah sim?! É com prazer que ouço dizer isso! Quando me propuseram o filme e me disseram que teria Bob como actor não fiquei embalado. Porém, mudei de opinião desde o nosso primeiro encontro. Durante todo o filme ele colaborou directamente comigo e interessou-se pelo seu trabalho com uma consciência profissional e uma seriedade absolutamente notáveis. Como devia coxear quase todo o filme, Bob foi consultar comigo um especialista dos ossos e seguiu de perto todos os seus conselhos para saber exactamente como o devia fazer. Foi uma verdadeira reve-

SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

157

«O TEMPO E O MODO» N.º 56

Provas enviadas à Censura em

5 de 1

lação para mim e gostei imenso de trabalhar com ele. E a sua interpretação no filme é ótima.

P. — O personagem de Taylor em *Party Girl* é o mesmo que o de Bogart em *Knock on any Door*?

N. R. — Sim, mas mais amadurecido. *Knock on Any Door* foi o meu terceiro filme e o primeiro que fiz com Bogey. Acho que o filme envelheceu muito. Mas o longo discurso final de Bogey é sensacional. Quando lhe disse que ia filmar a cena numa só tomada ele olhou para mim e disse-me: Em 15 anos de cinema, nunca disse mais do que três linhas de cada vez, sem corte». Mas a cena era boa e ele conseguiu um belo resultado.

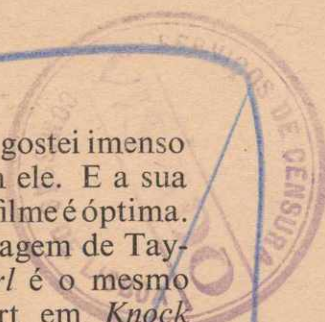
P. — Que pensa de *Lusty Men*?

N. R. — Gosto. Não sei se sabe que é o único filme sobre os «rodeos» que os cowboys consideram honesto.

P. — *Cega Paixão*, com Robert Ryan e Ida Lupino parece ser muito bom. Eric Rohmer disse-me gostar muito dele.

N. R. — É muito interessante. E um filme falhado, mas um bom filme falhado.

COMISSÃO DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO



158

AS

«Hitchcock

P. — Leu o livro de Truffaut sobre Hitchcock?

N. R. — Ainda não. Mas o seu método de entrevistar Hitch durante 50 horas é formidável, pois Hitchcock é um dos conversadores mais maravilhosos que encontrei. Coisa engraçada, durante os meus primeiros três anos de Hollywood, na grande festa da véspera do Ano Novo, por volta da meia-noite, Hitch e eu estávamos a conversar num canto da sala. Falávamos durante toda a noite sobre cinema: podemos escutá-lo durante horas e horas sem nos fatigarmos. Quando realizava o meu primeiro filme, *The Live by Night*, ele e Laughton, que filmavam juntos «O Caso Paradine», vieram visitar-me e ver como eu trabalhava.

Mas penso que Hitch tornou-se muito exibicionista.

Hitch é essencialmente um hedonista. Não consigo convencer-me de como é possível que desperdice tanto talento. Génio! Ele podia ser tão brilhante, ele podia ser um Daumier, um Hoggarth! Céus! É incrível!

P. — Mas ele é genial! O que pretende é divertir o público e consegue-o maravilhosamente bem. Para ele o cinema é tam-

«O TEMPO E O MODO» N.º 56
Provas enviadas à Censura em
... de ...



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

44

959

«O TEMPO E O MODO» N.º 66
Provas enviadas à Censura em
5 de de 1968

bém uma indústria e há um aspecto comercial a respeitar. Não é só para ele...

N. R. — It's for him! (É para ele!). É para que possa comprar coisas, para que possa mandar construir uma cozinha de 15.000 dólares! Mas, quem é que precisa de uma cozinha de 15.000 dólares! À parte isto espero que ele viva ainda muitos anos porque é um homem maravilhoso.



De «Johnny Guitar» a «High Noon» e «Shane»

P. — Porque fez «Johnny Guitar»?

N. R. — Leu o livro de Warshaw sobre o western?

P. — Não, não li. É bom?

N. R. — Warshaw está muito bem documentado. Mas eu fiz «Johnny Guitar» para provar que ele não tinha razão!

P. — Tal como Hawks, que fez *Rio Bravo* para provar que «High Noon» (*O Comboio Apitou Três Vezes*) era um mau western.

N. R. — Oh, High Noon is a terrible western!

P. — Gosta de *High Noon*?!

N. R. — Não! «High Noon» é um dos filmes mais desonestos que vi. E sob muitos aspectos.

P. — Para mim, «High Noon» é um bluff...

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) CORTADO

160



N. R. — ...um dos maiores da história do cinema. E Zinnemann, que é uma pessoa por quem tenho muita estima, porque é um dos poucos realizadores que possuem uma natural e normal sensibilidade para com a humanidade, possui mais compaixão, mais amor interiormente que Kramer, Foreman e todos os outros juntos. Mas o filme era tão mau e ideologicamente tão confuso! Mas Foreman, que era na altura muito bem cotado e considerado com um liberal progressista, escreveu uma história em que toda a população de uma vila abandonava, cobardemente, um homem a quem muito devia. E a construção do filme era tão má que o montador, Elmo Williams, viu-se doido para o montar. Aquele relógio e as horas e as relações entre a acção e o tempo, estavam todas erradas e falseadas.

P. — O que não impede que tenha sido graças a *High Noon* e a *Shane* que muita gente descobriu o western. Acho que *Shane* não é melhor que *High Noon* mas, a maior parte dos realizadores americanos considera Stevens como um mestre. Que pensa dele?

N. R. — Eu gosto de Stevens por uma razão e uma só: numa época de mediocridade, de me-

«O TEMPO E O MODO» N.º 56
Provas enviadas à Censura em
de 1 de 1958.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

46

961

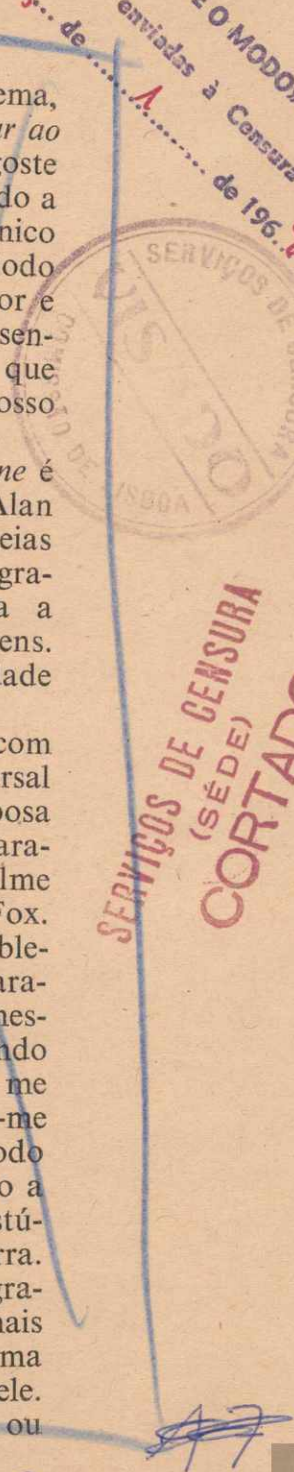
«O TEMPO E O MODO» N.º 16
Provas enviadas à Censura em
5... de... A... de 196.8

do, de degradação do cinema, Stevens realizou *Um Lugar ao Sol*. E embora eu não goste muito do filme sou obrigado a admitir que foi esse o único filme feito durante esse período de crise que mostrava amor e respeito pelo cinema. Eu senti-me orgulhoso de saber que Liz Taylor estava do nosso lado ao fazer esse filme.

O que eu gosto em *Shane* é que as relações entre Alan Ladd e Jean Arthur, tão cheias de dignidade, só existem graças ao miúdo. Foi essa a grande descoberta de Stevens. O miúdo é que dá a unidade ao filme.

Vi *Shane* no estúdio, com o grande patrão da Universal naquela altura e a sua esposa e com os dirigentes da Paramount, que exibiam o filme para os dirigentes da Fox. Stevens teve imensos problemas com o filme e com a Paramount. E ele disse-lhes o mesmo que eu à Warner quando eles me ameaçaram de me retirar um filme: «Dêem-me 24 horas e eu compro-vos todo o filme!» Os produtores são a coisa mais horrível, mais estúpida que existe sobre a terra. A atitude de Stevens agradou-me imenso e aí está mais uma razão porque tenho uma grande consideração por ele.

Você prefere Truffaut ou



162



Godard?

P. — Como crítico Truffaut foi o maior de todos. Como cineasta Godard é único... Mas há um aspecto nele... ele é um bocado...

N. R. — ... gangster?!

P. — Exactamente!

N. R. — Pois é isso que admiro nele. É por isso que ele é ousado. A François falta-lhe a audácia!

P. — Mas Godard repete-se por vezes. Ele faz muitos filmes.

N. R. — Mas isso é óptimo para ele. Gosta de *Une Femme est une Femme*?

P. — Bastante.

N. R. — Eu consegui obter dois prémios para esse filme no Festival de Berlim, quando fiz parte do júri. Estava furioso contra o resto do júri, que queria premiar *A Noite* do Antonioni. Havia uma espécie de gang no júri que não me agradava absolutamente nada. Consegui convencer duas ou três pessoas e votarem comigo e foi assim que chegámos a um compromisso: Antonioni e Monica Vitti seriam premiados mas o filme de Godard e Anna Karina também. Assim *Une Femme est une Femme* obteve um prémio especial como uma obra que estava tecnicamente em avanço para

NO TEMPO E O MODO N.º 16...
Provas enviadas à Censura em
de de 196.8



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

163

o seu tempo (o que era verdade) e Anna Karina o da melhor promessa feminina. Creio que o filme de Godard não é um grande filme mas, de qualquer modo, ele é mais interessante do que o de Antonioni. Não é que *La Notte* seja tão mau como isso mas, sinceramente, Antonioni começava a aborrecer-me com os seus simbolismos baratos e os seus planos com a câmara voltada para o céu e tudo o resto.

P. — Antonioni fez um único grande filme, *O Grito*. Depois disso ele só consegue aborrecer as pessoas.

N. R. — O que eu lhe critico é de julgar que, desde que se fala de sociedade deve-se, por conseguinte, aborrecer toda a gente. Isso não lhe impede de, por vezes, conseguir ser poético e até admirável.

P. — E que pensa de Alain Resnais?

N. R. — Prefiro-o a Antonioni, sobretudo, quando ele não é muito indulgente para consigo próprio.

P. — *O Ano Passado em Marienbad* não o aborrece?

N. R. — Não. Gosto do filme porque acho que Resnais conseguiu aí qualquer coisa de importante. Em Veneza, um crítico muito conhecido, tinha-me dito que *Marienbad* era um filme horrível, mau como tudo, etc. Como fui ao festi-

«O TEMPO E O MODO» N.º 176
Provas enviadas à Censura em
Lisboa de 1968



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

1964

«O TEMPO E O MODO» N.º 16
Provas enviadas à Censura em
de de 1968

val apenas por três dias não fui ver o filme. Mas, com Karel Reiz, Betsy Blair, o crítico e mais duas ou três pessoas que estavam no grupo eu disse ao crítico: «Fazendo unicamente confiança naquilo que você me disse do filme aposto que «Marienbad» não só merece o prémio como o obterá!» E teve-o!

«L'Année Dernière à Marienbad», reunindo uma série de coisas que já tinham sido feitas e que não eram particularmente novas, mas que eram apresentadas de uma maneira inteiramente nova, era uma incitação para que os outros realizadores tentassem investigar com a câmara e descobrir novos processos e talvez uma nova linguagem. É isso que faz de «Marienbad» um filme muito mais importante do que muitos outros, espécies de repetições de repetições que vemos todos os dias.

— Acho que Cukor tem razão quando diz «Marienbad» é um filme que me aborrece profundamente».

— Mas certamente muito menos do que Antonioni!

(Todas estas declarações foram gravadas em fita magnética).

RN/NZ.

165

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO



NO TEMPO E O MODO» N.º 56
Provas enviadas à Censura em
Lisboa de 1968

Régis Debray, *Révolution dans la
Révolution*, Maspero, Paris, 1967.

Depois de cada sucesso revolucio-
nário desenvolvem-se naturalmente
as tentativas para pensar a sua possi-
bilidade histórica e, à medida dela,
a possibilidade de sucessos semelhan-
tes. Dois vícios fundamentais tem
espreitado estas tentativas. O pri-
meiro consiste em propôr uma dessas
experiências como modelo técnico,
fáctico e estratégico, aplicável a
todos os países ou à maior parte

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

166

deles. O segundo consiste em pensá-la como excepcional e desprovida de interesse teórico: visto que as condições específicas em que se desenvolveu não podem ser reeditadas, não há que transformar ou enriquecer em ponto algum o que já sabemos. A indigência e o fechamento teóricos que assim se manifestam são apenas formas particulares de expressão de quadros dogmatizados que não é preciso voltar a criticar. O que é preciso é observar que aconteceu assim com as revoluções soviética e chinesa e que poderá estar a acontecer assim com a revolução cubana. Ora, *Révolution dans la Révolution* é fundamentalmente uma tentativa de elaboração teórica da experiência revolucionária de Cuba. E até que ponto se exime a algum destes vícios ou nele incorre — é o que iremos ver.

É lamentável que Debray não comece por uma análise detalhada das condições que tornaram viável e vitorioso o processo revolucionário cubano. É por alusões e por referências, e não por uma exposição sistemática, que ele nos é esparsamente oferecido. Do modo como se desenvolveu é deduzida toda uma *gramática* de luta, todo um conjunto de regras de sintaxe revolucionário — mas sem que se tenham verdadeiramente em conta as condições em que essas regras puderam ser *faladas*, em que essa *gramática* pôde ser praticada. Esta deficiência de subsolo é ainda amplificada ao longo da obra. Defende-se a praticabilidade duma tal *gramática* revolucionária em vários países da América Latina, sem que se ensaie sequer uma análise das suas estruturas sociais e políticas particulares. A situação e importância relativa, em cada um dos casos,

PROVAS ENVIADAS À CENSURA EM
LISBOA DE 1964



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

167



do campesinato e do operariado urbano, o peso das comunidades índias (retira-se da obra que grupos muito vastos nem sequer entenderão o espanhol, mas só isso), a questão, decantada mas fulcral, da existência ou inexistência de burguesias nacionais na América Latina — são problemas prévios da maior importância a que não é dado o tratamento indispensável.

Desde logo, a obra de Debray parece encarar apenas, na situação dos vários países da América Latina, o que ela tem de comum com a situação cubana. Não é isto índice de grande riqueza teórica. A riqueza de uma teoria revela-se exactamente na capacidade de pensar de modo diferente situações diferentes, na capacidade de colocar a *diferença* (e não de repetir e reunir na semelhança). Por isso só a elaboração teórica nos pode afastar do erro profundo mas erro renovadamente cometido, que é aplicar práticas idênticas a estruturas diferentes. E isto quer dizer também que ao nível da prática, a unificação possível está também na resposta à diferença pela diferença.

A forma de luta preconizada por Debray tem como elemento básico o *foco* insurreccional: é o debatido *foquismo*. Para ele, e segundo a inspiração dos dirigentes cubanos, a luta armada deverá ser conduzida por forças estratégicas móveis, actuando em zonas rurais. E essas forças estratégicas móveis, os *focos*, serão o gérmen do futuro exército popular e do futuro Estado socialista. Parte-se portanto do pressuposto de que, em dadas condições, o modo adquado de se expressar uma linha política é a luta armada. Mas sendo assim, essa luta armada deixa de poder ser encarada ao

PROVAS ENVIADAS À CENSURA em 1968
N.º 1066



SERVÍCIOS DE CENSURA (SEDE)
CORTADO

168

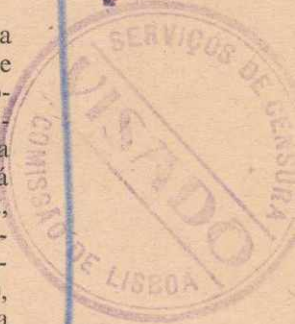
SERVIÇOS DE GENSURA
(SÉDE)

CORTADO

puro nível da instância militar, passa a dever ser a cada momento colocada ao nível da instância política e segundo a linha nessa zona definida. Daí não ser demasiado útil apreciar, a nível *gramatical*, as várias formas possíveis de luta armada. Se elas exprimem uma linha política assumida em concreto, pensada portanto segundo circunstâncias específicas, só em função dela merecem ser hierarquizadas.

Não faz assim Debray, que começa por afastar três outras formas de luta armada: a Autodefesa, a propaganda armada, a base guerrilheira. Interessa apenas rever uma delas para concretizar o que já ficou escrito. A autodefesa armada, praticada pelos camponeses da Colômbia e pelos operários da Bolívia (estes com nítido insucesso), consiste na resposta à violência organizada do Poder pela violência organizada das massas. À primeira vista, espontaneísmo armado, sem perspectivas de desenvolvimento, incapaz de iniciativa — e isso lhe assaca Debray. Mas falará assim a experiência colombiana? Pelo contrário, ela parece ter revelado que não é impossível articular as guerrilhas com a defesa armada das massas, que é possível fazer combinações e transições entre diferentes formas de luta, de acordo com objectivos estratégicos, concretamente estabelecidos. Quer dizer: a própria autodefesa pode, em certas condições, não ser um espontaneísmo difusamente voluntarista. Um tal espontaneísmo, de qualquer modo, nunca seria verdadeiramente por um voluntarismo mais aristocrático. A coragem e a tenacidade dum pequeno grupo, armado de regras técnicas (e sobretudo se essas regras se morfologizaram e se tornaram portanto apli-

Processo de Gensura N.º 10000/1967
Papeis enviados à Censura em
16 de Maio de 1967



Handwritten signature or initials.

167

cáveis a Tupac Amaru, no séc. xviii Bolívar no séc. xix, Guevara no séc. xx) é garantia de bem pouco. O facto da instância política se exprimir, em momentos próprios, através da instância militar, não autoriza hipóstases nem inversões. Logo, e apenas exemplificando a inversão, não é de concordar com Fidel quando preceitua que se deve *dar liberdade de acção política aos que demonstrarem capacidade militar* (p. 95)

Os focos insurreccionais defendidos por Debray são destacamentos armados, separados das populações (para defesa das próprias populações) cujo objectivo é quebrar as forças de repressão e ir, desse modo, ganhando subjectivamente os camponeses para a sua luta — os seus êxitos serão a sua melhor propaganda. (Talvez se possa evidenciar a propósito o carácter um tanto místico, maniqueu da dicotomia condições objectivas / condições subjectivas: a possibilidade de ganhar *subjectivamente* os camponeses é uma condição *objectiva*; por outro lado, essa condição *objectiva* existe aos olhos dos grupos de guerrilheiros, como perspectiva de alguma maneira *subjectiva*).

Admite portanto Debray, baseado no modelo cubano, que os métodos e os fins revolucionários penetrarão no *povo* à medida que se forem radicalizando. O que poderá ser certo nalguns países e errado em muitos outros. Só uma análise das experiências e das condições concretas de cada um dos países visados, — análise cuja ausência mais uma vez se faz notar, pode ser concludente neste ponto. Limitações (e riscos) duma figura única e coerente traçado a partir duma experiência só. No afã meritório de

NO TEMPO E O MODO» N.º. 16
Provas enviadas à Concursa em
5 de 1968



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

170

afastar as práticas dum socialismo tornado rito, ritualiza-se uma das suas práticas particulares. Do dogmatismo para o praticismo.

Praticismo: vício importante de *Révolution dans la Révolution*. A luta armada tem razões que a teoria não conhece (p. 108). É bem conhecido o empirismo que rodeou os primeiros passos da revolução cubana. Ora, não é questão de o repetir, mas de o explicar. Dizer que *o bom caminho, o único possível parte de dados táticos para se elevar pouco a pouco até definir uma estratégia* (60) é abrir a porta a aventuras desnordeadas. Tudo índices de considerável indigência teórica. Quando Debray escreve que *a revolução cubana oferece aos países da América Latina uma resposta* (21), está a entender a realidade, numa das suas formas, como *chave* de si própria. Ora, não há uma chave oferecida pela realidade (qual então o papel da teoria?), nem há sequer uma chave. A chave, aqui ainda, é a diversidade das chaves.

À teoria, portanto, de esclarecer que não se pode considerar «*numa revolução ou se vence ou se morre*» uma regra tática, porque não suicídios revolucionários, mas erros. O fim do revolucionário, ao contrário do que pensa Debray, não é a revolução. *Revolução na Revolução* não poderá revelar uma certa mitologia revolucionária larvar, cujos fundamentos poderão ser a nostalgia da acção, a frustração, e logo depois a culpabilidade, alimentadas pelas sociedades de consumo? E assim bem se compreenderia que se pretenda reconstituir uma estratégia a partir de práticas desestruturadas, mas activas, superlativamente acti-

DO TEMPO E O MODO N.º 156
Provas enviadas à Censura em
1968

SECRETARIA DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

971



vas. Pois o fundamental é o acto.

A teoria dos focos insurreccionais exige a montanha: aqui um curioso fatalismo geográfico que força à exclusão expressa do Uruguai. Daí também alguns devaneios infantis e novamente maniqueus: *a montanha proletariza burgueses e camponeses, a cidade pode emburguesar os próprios proletários*. E então como articular as formas de luta no campo e na cidade, a que papel cabe às organizações urbanas? O operariado urbano não é? Nenhum destes problemas se coloca na obra de Debray, nem do ponto de vista dela pode ser colocado. Que esses problemas são duma importância definitiva, já o mostraram os próprios factos. A instauração da ditadura militar de Rojas Pinilla na Colômbia ficou a dever-se, sobretudo, à desatenção dada às cidades.

A relativa especificidade das experiências de luta urbana e campesina apenas acentuam a necessidade de pensar, de acordo com as circunstâncias particulares de cada país, formas eficazes de articulação. Diga-se só que na Colômbia — e sita-se a Colômbia porque é um país em que se pensa bastante na *Révolution dans la Révolution* — 52% da população vive nas cidades. Se nos lembrarmos do que aí já existe veremos que a anatemização das cidades (que a pouco menos assistimos na obra de Debray...) redunda num liquidacionismo só explicável pelo flagrante desinteresse que o autor dedica às experiências e às condições próprias de cada país.

Por tudo isto, seria obra inútil e prenciosa

A. C.

SO TEMPO E O MODO N. 76
Breves enviadas à Censura em
1968



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

72
Shi

157

«O TEMPO E O MODO» N.º 166
Provas enviadas à Censura em
nome de ... de 1964



1/tnam! — Tem como dura contrapartida a eclosão ou reabertura de crises internas e conflitos marginais. As duas comunidades apriotas (grega e turca) continuam disponíveis para futuras chacinas, os coronéis prendem «todo o mundo», Constantino não aprecia e muda de ares, as fronteiras de Israel permanecem muito «inchadas», Faiçal vende o seu petróleo e financia o «seu» Iémen, as «cimeiras» árabes discutem o comando militar único, etc.

2. Médio Oriente — enquanto o pau vai e vem

1k/ Do socialismo à «outrance» dos «Ribboutzim» israelitas à estranha unidade árabe (um painel enorme onde cabem Nasser e Faiçal, Atassi e Hussein, Boumedienne e Hassan II, entre outros) a crise no médio oriente revelou com crueza uma perturbação evidente da esquerda na definição de posições esclarecidas em face do conflito, a reboque do facto consumado que foi (e é) a presença das duas superpotências a secundar os campos opostos.

No plano dos intervenientes directos, as perigosas e ambiguas solicitações de unidade, por um lado, o desfaldar de estafadas bandeiras históricas, por outro, foram (e são) outros tantos modos de alimentar as deformações de opinião, ao mesmo tempo que se afastam cada vez mais os povos de uma participação autêntica na condução dos problemas que directamente os afectam.

Hoje, no Médio Oriente, já não se

SERVICIOS DE CENSURA (SEDE) AUTORIZADO COM CORTES

por um lado, o recurso a estímulos tão ultrapassados quanto injustificáveis, por outro,

175



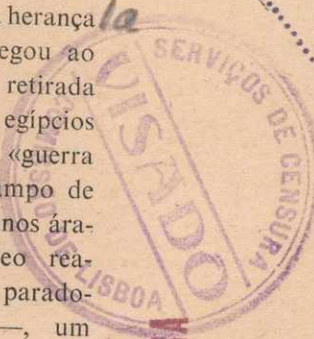
o pau vai e vem... folga o Iémere!
Os caminhos da unidade foram dar
a Karthoum. Pressionado pela neces-
sidade de ocorrer à desastrosa herança
económica que o conflito legou ao
Egipto, Nasser concede a retirada
dos 50.000 «expedicionários» egípcios
estacionados no Iémen. A «guerra
santa» revela-se excelente campo de
manobras para alguns soberanos ára-
bes. A corrida ao petróleo réa-
bre-se de novo (a França é, parado-
xalmente — ou talvez não —, um
termómetro significativo). Os «Tu-
polev 16» continuam a aterrar no
Cairo. Fala-se de «comando árabe
unido». Há novas conferências cimei-
ras em perspectiva. O tráfico de
armas intensifica-se...

... O ponto de partida é afinal o
ponto de chegada. Tão difícil é
acreditar nos «micro-socialismos»
infra-estruturais do Estado de Israel
como nos «macro-socialismos» super-
estruturais de alguns países árabes.

(1) A explosão dos nacionalistas, se
muitas vezes é o significado de uma
reacção intransigente contra o domí-
nio exterior, muitas outras vezes é
a plataforma de compensação ideal
para fraqueza de alguns regimes.
E o segundo termo da alternativa é
o que mais se ajusta à eclosão da
unidade árabe no recente conflito,
ou pelo menos à extensão que essa
unidade adquiriu.

A dura lição da experiência, tem
levado pouco a pouco as populações
do terceiro mundo, e algumas das
suas élites dirigentes a compreender

156
«O TEMPO E O MODO» N.º 56
Provas enviadas à Censura em
Lisboa de ... de 1968



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM
CORTES

179

1970

«O TEMPO E O MODO» N.º 56
Provas enviadas à Censura em
5 de Novembro de 1967



NÃO VALE A PENA RECONSTRUIR TAIS CASAS — DECLAROU O MINISTRO DO INTERIOR

Há muitas centenas de famílias desalojadas. Nada ou muito pouco resta ainda das suas humildes habitações. «Não vale a pena reconstruir tais casas. Vamos encontrar um local para levantar um bairro novo» — declarou o ministro do Interior em conversa com o presidente da Edilidade de Loures, quando este lhe expunha a situação dessas famílias sem lar. E acrescentou:

É particularmente angustiosa a situação dos locatários das seiscentas barracas da área de Vila Franca de Xira, tendo o presidente do Município informado da intenção da edilidade de iniciar imediatamente a compra dos terrenos necessários para a construção de casas para alojar os habitantes dos tugúrios.

1.º Janeiro, 29-11-1967

NAS LOCALIDADES SINISTRADAS O SILENCIO TORNOU-SE MAIS PESADO

O silêncio de Castanheira, o silêncio das pequenas terras da província,

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) CORTADO

207



127
O tempo e o modo n.º 46
Provas enviadas à Comissão em
de 1968

tornara-se desde manhã mais pesado, mais duro. E foi, em recolhimento impressionante que esperou a chegada dos mortos de Quintas—desse homens, dessas mulheres arrebatados à vida por uma das maiores catástrofes de que na região há memória.

(1.º Janeiro) 29-11-1967

O Almirante Américo Tomás percorreu, a pé, a zona da Ribeira de Odivelas, junto da estrada de ligação para Lisboa, que foi cortada pelas cheias, e ouviu apelos e desabafos emocionais dos que na tragédia perderam os entes queridos ou ficaram reduzidos à mais extrema miséria.

Primeiro de Janeiro 29-11-1967

A estupefacção apodera-se de muitos espíritos e indaga-se: «Como foi possível tudo isto?».

Centenas de vidas extinguiram-se para sempre engolidas pelas águas enredemoinhadas ou sepultadas nos escombros das suas casas. Tudo isto se passou às portas de uma grande cidade sem um dispositivo de emergência que pudesse limitar os efeitos da calamidade. A fúria dos elementos abateu-se, impiedosamente, sem uma ténue resistência, e foi matar homens, mulheres e muitas crianças, espalhando lágrimas de dor e enlutando numerosas famílias que a catástrofe tornou mais pobres e mais infelizes.

Primeiro de Janeiro 29-11-1967

LIMITES...

2. Vista a questão à luz que

SERVIÇOS DE CENSURA
LISBOA

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

192

«O TEMPO E O MODO» N.º 16.
Provas enviadas à Censura em 1
de 1962

deve iluminar a actuação do Ministério da Economia, não está em causa a indemnização, pelo Estado, das perdas verificadas, pois que não é imputável ao Governo o facto que determinou a lesão. Em causa estão, sim, a solidariedade da Nação com aqueles que sofreram danos de que não podiam defender-se e o interesse geral da economia que requer o progeral da economia que requer o pronto recomeço das actividades paralisadas, se possível em condições de produtividades superiores às que possuíam antes da catástrofe.

É indispensável ter presente este ponto, pois que ele determina a natureza e define os limites do apoio técnico e financeiro a prestar pelo Governo, em nome do fomento e da economia, às empresas privadas atingidas pelas inundações.

Nota Oficiosa do Ministério da Economia 10-12-1967?

FUNDO DE AUXILIO

LOURENÇO MAQUES, 6—Notícias provenientes da Cidade do Cabo informam que J. W. du Plessis, administrador do Estado Livre de Orange e grande amigo de Portugal, é o patrocinador do Fundo de Auxílio aos Combatentes de Moçambique, movimento que já se estende a toda a África do Sul.

A primeira finalidade do fundo consiste em obter o maior número possível de pessoas que «adoptem» cada um dos soldados portugueses, doando um rand (cerca de 40v00), o suficiente para encher um saco de presentes para cada militar. — (L.).

D. Notícias, 7-11-67



SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) CORTADO

209



206

«O TEMPO E O MODO» N.º 16

Provas enviadas à Censura em
n.º de 1 de 1968



As autoridades estão a investigar um caso de uxoricídio ocorrido na Amadora, no último sábado, e do qual foi vítima, Clotilde Fernandes dos Santos, de 36 anos, casada, doméstica, natural de Oleiros. O criminoso, o sargento Anibal Bandeira Correia de Oliveira, de 32 anos, natural de Viseu, está a ser procurado pela Polícia, bem como o irmão do assassino, Carlos Augusto Correia de Oliveira, sobre o qual recaem suspeitas de cumplicidade.

As relações entre marido e mulher eram muito tensas desde há largos anos (afirma-se entre a vizinhança do casal) e tal facto provocava constantes altercações, que chegavam a alarmar os vizinhos. Também de acordo com as declarações de vizinhos, seria a mulher quem deve origem e alimentava as discussões, pouco se ouvindo a voz do marido. O sargento estivera na Guiné, em serviço militar, e voltara em Abril, e desde então as relações ainda mais se agravaram. Na noite de sábado para domingo, foi ouvida uma grande discussão, acompanhada de gritaria, e depois, um silêncio súbito, que não deixou de estranhar a vizinhança.

Houve quem pensasse alertar a Polícia e na segunda-feira, à tarde, apareceu no prédio uma irmã da Clotilde Santos, bateu à porta mas ninguém respondeu. Depois de ter falado com a vizinhança — a quem contou que cerca das duas horas da manhã desse dia o cunhado lhe fora entregar a filha, de 16 meses, com a

217

SERVICIOS DE CENSURA (SÉDE) CORTADO

A

alegação de que a mulher saíra de casa, para «fazer uja asneira» — resolveu comunicar o caso às autoridades. Arrombada a porta, daí a pouco, deparou-se, à Polícia, a casa ensanguentada e indícios visíveis de crime: uma pequena faca e uma tábua cravejada de pregos.

O cadáver fora encontrado a boiar no Tejo, em frente de Salvaterra de Magos, e desde logo se admitiu tratar-se de um crime de morte e que o mesmo havia sido cometido em ponto muito distanciado.

As autoridades verificaram que a vítima apresentava profundos ferimentos no abdómen, no peito, nas costas e nos braços, visivelmente provocados por um objecto perfurante. A identificação do corpo tornou-se possível pelas razões já apontadas e foi nesta altura que a Polícia intensificou as diligências encetadas. Depois de ouvidos os relatos dos vizinhos, que deram por algumas idas e vindas do criminoso, terão os investigadores chegado a um ponto em que lhes era possível reconstituir os seus passos às duas horas, é visto a sair com a filha de meses e um desconhecido (que veio a apurar-se ser o irmão); pouco depois, regressou a casa, com o mesmo indivíduo: voltou a sair cerca das seis horas, ainda na companhia do irmão e com uma grande mala de viagem, que colocou no «táxi» estacionado à sua porta, o que foi testemunhado por um guarda da P. S. P., não se conhece o destino do carro, mas admite-se que o motorista tenha sido mandado seguir para um ponto próximo da beira-rio, onde o cadáver viria a ser lançado, na esperança de que fosse tomado como o de mais uma vítima das enxurradas.

«O TEMPO E O MODO» N.º 1.6.
Provas enviadas à Censura em
Medo de ... de 196.8



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

«O TEMPO E O MODO» N.º 176

Provas enviadas à Censura em

data de 22/11/1968



O MINISTÉRIO DA ECONOMIA DEU E CONTINUARÁ A DAR TODO O AMPARO POSSÍVEL AO FOMENTO ECONÓMICO DO CAVALO PORTUGUÊS — SALIENTOU O SR. DR. CORREIA DE OLIVEIRA

«Nunca me custa dizer algumas palavras quando o Chefe do Estado está entre nós, está entre os portugueses, e V. Ex.^a, sr. Presidente, está sempre onde Portugal está; o Portugal representado no seu passado, representado no seu presente; o Portugal que foi e é, e que há-de ser, cada vez maior. Tenho tido, sr. Presidente, a honra de acompanhar V. Ex.^a em manifestações de autêntica validade de Portugal. Esta é, sem dúvida, mais uma delas. Quis V. Ex.^a, marinheiro grande, vir à Golegã, à festa do cavalo português. Sempre a marinha e a cavalaria andaram juntas, aquém e além-mar, onde Portugal foi e é. Como ministro da Economia, eu não posso deixar perder uma só oportunidade de valorizar tudo o que pode ser um valor da terra e um valor do homem que trabalha a terra. O cavalo é, sem dúvida, um desses valores e, por isso, o Ministério da Economia deu, e continuará a dar, todo o amparo possível ao desenvolvimento e ao fomento económico do cavalo português. E é curioso notar, sr. Presidente, que, se no próximo ano formos às Olimpíadas, a representação hípica portuguesa, de certeza que terá que incluir cavalos de raça nacional, porque eles são, neste momento, os melhores que existem em Portugal. Eu não quero, sr. Presidente, dizer muito mais a propósito do que será o nosso apoio intenso — e que espero que comece este ano — ao fomento, ao desenvolvimento da pro-

219

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) CORTADO



dução cavalariça e à sua utilização, sobretudo, nos desportos hípicas, que são aqueles que podem, no plano económico, garantir mais saída à raça portuguesa do cavalo. Mas eu queria, ainda, lembrar que todos os grandes países, todas as grandes economias, mantêm, independentemente do aspecto do lucro, a preocupação da manutenção da sua produção cavalariça e o desenvolvimento da educação como fonte de formação moral e de formação do homem. Eu, sou, posso dizê-lo, um exemplo porque, perdoar-me-ão, se disser que, na minha vida pública, a minha vida de cavaleiro me tem ajudado muito. O cavalo ensinou-me a ter medo e a vencê-lo, ensinou-me a descontrair-me perante o meu nervosismo; ensinou-me a procurar medir a passada antes do obstáculo; ensinou-me a cair e, sobretudo, ensinou-me a levantar-me com dignidade e a continuar o percurso. Só ele, sr. Presidente, a nós, homens que fomos rapazes, nos poderá dar essa preparação de serenidade mesmo quanto ao mando, a necessidade da mão suave e do mando firme. Ele tem de ser um dos elementos fundamentais da formação moral e cívica de toda a juventude portuguesa. Coube-me hoje sr. Presidente, neste dia de glória para a Golegã que, pela primeira vez, recebo o Chefe do Estado, o peso e a alegria de me sentar na carruagem, como ministro da Economia, ao lado de V. Ex.^a. Mas devô dizer-lhe que trocava com tanto gosto, essa honra que tive pela glória de João Nuncio, o grande, e de Manuel da Veiga, que, à estribeira, cavalgaram ao lado de V. Ex.^a»

O Século, 12 Nov. 67.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

220

Início — OSCAR
QUEM É NICHOLAS RAY

por Rui Nogueira

Raymond Nicholas Kienzle nasceu a 7 de Agosto de 1911 em Crosse (Wisconsin). Estudou arquitectura e conheceu Frank Lloyd Wright. Começou por ser actor de teatro em várias «tournées» e mais tarde na Broadway. Em 1933 fez viagens de estudo sobre o folclore americano. Escreveu e realizou uma série de programas radiofónicos «Back Where I Came From». Foi assistente de realização de Elia Kazan no primeiro filme deste realizador «A Tree Grows in Brooklyn» (1944). Realizou, entre outros filmes, um terço de «Macao» de Josef Von Sternberg e não é responsável da totalidade de «The Lusty Men» e «55 Days at Peking» que foram terminados, respectivamente, por Robert Parrish e Andrew Marton. É também actor em «55 Days at Peking». Trabalhou em inúmeros projectos que não se puderam, até hoje, ainda concretizar.

FILMOGRAFIA DE NICHOLAS RAY

1947: «They Live by Night» (*Os Filhos da Noite*); 1948: «A Woman's Secret»; «Knock on any Door» (*O Crime não Compensa*); 1949: «In a Lo-



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

221

nely Place» (*Num Lugar Solitário*); 1950: «Born to be Bad» (*Nascida para o Mal*); «On Dangerous Ground» (*Cega Paixão*); 1951: «Flying Leathernecks» (*Os Diabos de Guadacanal*); 1952: «The Lusty Men»; 1953: «Johnny Guitar»; 1954: «Run For Cover» (*O Fugitivo*); 1955: «Rebel Without a Cause» (*Fúria de Viver*); «Hot Blood» (*Sangue Cigano*); 1956: «Bigger than Life» (*Atrás do Espelho*); «The True Story of Jesse James» (*A Justiça de Jesse James*); 1957: «Bitter Victory» (*Cruel Vitória*); 1958: «Wind Across the Everglades» (*A Floresta Interdita*); «Party Girl» (*A Rapariga Daquela Noite*); 1960: «The Savage Innocents» (*Os Selvagens Inocentes*); 1961: «King of Kings» (*O Rei dos Reis*); 1962: «55 Days at Peking» (*Os 55 Dias de Pequim*).

«O TEMPO E O MODERNO» N.º 56
Provas enviadas à Censura em
Lisboa de 1955



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

222

«O TEMPO E O MODO» N.º 56

Provas enviadas à Censura em

de de de 196...



223

248

~~DO ANÁTEMA AO DIÁLOGO~~

~~Après une heure et demie de conversation avec Robert Mac Namara, Ministre de la Défense des États-Unis, le poète soviétique Evtouchenõ lui décoche ce singulier compliment:~~

~~«Je vous croyais une bête sauvage. Je sais maintenant que vous êtes humain.»~~

~~Nice-Matin, 9 Dez. 1967~~

~~NESTE PAIS ONDE DÁ GOSTO VIVER~~

~~Saudação do Núncio Apostólico ao Presidente da República)~~

~~«Num hodiernamente transformado mundo, intoxicado por subtil~~

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

223

«O TEMPO E O MODO» N.º...56

Provas enviadas à Censura em
8 de de 196.4

e penetrante materialismo, o povo lusitano mantém, graças a fidelidade própria e a tradições radicadas na primazia dos valores espirituais, um carácter espontâneo e uma força moral que lhe dão a possibilidade de desempenhar benfazejo papel, servindo a humanidade.

— Em vésperas do Natal e do Ano Novo, os nossos pensamentos voam para este povo a encantar-nos mercê da sua *hospitalidade, neste país onde dá gosto viver*. Que Deus lhe providencie eterna *fidelidade às nobres tradições*. Desejamos-lhe, também, muita felicidade e uma paz verdadeira: a que — inestimável dádiva do Senhor e única a poder garantir a tranquilidade de progresso das gentes — foi prometida aos homens de boa vontade. Mas — e muito oportunamente o lembrou em Fátima o Santo Padre há poucos meses, quando esteve ali como peregrino, suscitando tamanha emoção tão ardentes orações pela paz — esta «não é sempre uma dádiva milagrosa: é dádiva, sublinhou o Papa, que actua no íntimo peito dos homens, que precisa de livre aceitação e reciprocidade.»

D. Lisboa, 20-12-67

224



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Na sede da Cruz Vermelha Portuguesa foi recebido o seguinte telegrama do secretário-geral da Liga das Sociedades da Cruz Vermelha, Genebra, (Suíça): «Profundamente comovidos trágicas consequências inundações Lisboa e arredores Pedimos transmita às populações afectadas nossos sentimentos viva simpatia e todo o Mundo Vruz Vermelha Muito apreciáramos todas informações sobre desenvolvimento situação e sobre participação Cruz Vermelha Portuguesa nas operações assistência e sobre as vossas necessidades eventuais».

Mais tarde foi recebido um telefonema do Sr. H. Beer, secretário-geral da Liga, perguntando se necessitarmos urgentemente de dinheiro, socorros médicos, medicamentos ou outros quaisquer artigos.

Foi respondido que agradecíamos a generosa e humanitária oferta, mas que, de momento, nada necessitávamos, dadas as providências tomadas pelo Governo e as numerosas ofertas da população não atingida, ficando, todavia, assente aceitar as citadas ofertas da Liga se o desenvolvimento da situação assim o exigir.

Foi também recebido um telegrama da Cruz Vermelha Holandesa exprimindo a sua viva simpatia pelas vítimas das inundações o oferecendo o seu auxílio em caso de necessidade.

Igualmente foi recebido um telegrama da Cruz Vermelha Italiana exprimindo sinceros sentimentos de simpatia e de solidariedade fraternal.

O Século, 28-11-67

O PORTUGUESINHO VALENTE

Nos jornais de 28 de Novembro,

225

«O TEMPO E O MODO» N.º 506

Provas enviadas à Censura em

de 1967



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

foi publicada esta estranha notícia.

A Cruz Vermelha Portuguesa recusava dinheiro, socorros médicos, medicamentos e outros auxílios. Explicou que de «nada necessitava», pois as providências governamentais e a caridade pública haviam satisfeito as «necessidades».

A creditamos, gratuitamente, na eficácia das medidas do Estado e não temos outro remédio senão acreditar também na generosidade dos que não foram atingidos, para que os jornais apelam todos os dias com resultados. Mas alguns factos são inexplicáveis mesmo com a melhor boa vontade.

Não se compreende, com efeito, como, por exemplo, a oferta da Fundação Gulbenoian de 50.000 contos não foi achada supérflua pelo governo. A Fundação não é «popuação não atingida»; primeiro porque não é população, depois porque foi atingida. Demais, que se saiba, ainda não é o Estado.

Assim, a Cruz Vermelha Portuguesa e o governo que consentem na resposta seguem dois critérios aparentemente inconciliáveis. Por um lado aceitam, por outro recusam.

Terá, no entanto, a C. V. qualquer razão para recusar? As inundações deram centenas de milhares de contos de prejuízos. Milhares de pessoas ficaram sem habitação e com as suas propriedades pessoais destruídas. Por outro lado, parte desses milhares foram deslocados e vivem hoje em casas de cidadãos prestimosos. Mortos e doenças requerem indemnizações pessoais. Poderão o Estado e a caridade pública enfrentar a situação? Esperemos que sim. Contudo, é legítimo imaginar que o Estado tem certos encargos próprios já onerosos, que diminuirão a importância da sua ajuda a particulares. A reconstrução de estradas, do resto do sis-



«O TEMPO E O MODO» N.º 5
Provas enviadas à Censura em
..... de de 1961

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

tema de comunicações, de escolas, hospitais e outras instalações de utilidade geral deixarão talvez pouco dinheiro para o cidadão em sarilhos. E, além disso, não parece excessivo pensar que com o tempo o zelo da generosidade pública abrandará, quando ainda imensos problemas estiverem por resolver e muitos casos penosos por decidir. Apesar de tudo, a Cruz Vermelha Portuguesa achou por bem recusar a oferta da C. V. Internacional. Porquê?

As razões devem ser misteriosas. Pelo menos, custam a imaginar. Não terão os seus dirigentes pensado em tudo o que dissemos? Acharão que podem existir meios e dinheiro a mais numa altura destas? Seria necessária uma grande dose de inconsciência e irresponsabilidade, que tão simpáticas senhoras seguramente não possuem. O quê, então? Os motivos que as guiaram permanecem insondáveis e, supomos, insondáveis permanecerão. A vida pública portuguesa tem destes caprichos e lindezas em que o bom senso se perde. Mas como a razão humana é teimosa e, às vezes, presunçosa, vamos arriscar uma interpretação.

Pelo tom da nota publicada pela imprensa diária, parece poder imaginar-se que os dirigentes da C. V. Portuguesa acham a auto-suficiência apregoada ornamentadora da nacionalidade. Um país como o nosso, devem ter dito de si para si, não precisa cá de auxílios do estrangeiro. O portuguesinho é valente e há-de-se arranjar sòzinho. É para que vejam que dinheiro de organismos internacionais é quase para nós os dinheiros de Judas.

Os dirigentes da C. V. Portuguesa provavelmente não foram inundados. É de presumir que estejam, com sua família, vivos. O orgulho nacional



«O TEMPO E O MODO» N.º 56

Provas enviadas à Censura em

..... de de 1968

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

227

187

«O TEMPO E O MODO» N.º 50

Provas enviadas à Censura em

8 de de 1965



fica-lhes bem, comove mesmo na sua dignidade de pobreza honrada. Os sinistrados, porém, talvez se não importassem de aceitar o dinheiro e os medicamentos e o mais que viesse da Cruz Vermelha Internacional, apesar de saberem que tudo vinha infectado do micróbio internacionalista e do dólar corruptor.

Segundo os jornais, os sinistrados não terão oportunidade de se corromper. As senhoras da Cruz Vermelha interpuseram entre eles e a tentação as quinas portuguesas, embora talvez só em bandeira. Honra lhes seja dada. Somos pequeninos, mas somos muito bons e sérios. Nunca é tarde para os sinistrados aprenderem.

T. A. T.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

228

JOHNSON, SPELLMAN POLÁR
E BANQ-BONQ.

Spellman cardeal do império americano disse à menina Guerra: E se falássemos de Rolando?

VIET VIET VIETAMINAS?

Pode ser, respondeu Mac Namara.

É incontestável que o pensamento teológico é, pela sua natureza essencialmente individual e nunca directamente colectivo.

(A. Comte Discurso sobre o espírito positivo)

Se não houvesse Johnson como supor teríamos os domingos?

WEST MORELAND WEST
MORE LAND stop MORE
LAND? stop
(Dos telegramas)

VIETVIRÁS ESTA SEMANA?

— Nem parece que vocês andam na escola (Do rigual do condutor de autocarros).

...Corto os pés das estrelas.
Deixá-las na sua seiva estremecente.
Digo baixo que é talento envenená-las.

.....
Corto as estrelas das vacas.
Trago candeias para os campos extraordinários.
(Herberto Helder Poemacto)

Essa linguagem superior, «a tragédia», reúne mais estreitamente os momentos dispersos do mundo essencial e do mundo que agè.
(Gegel. Febomenologia do espírito.)

Cai cai bombão
na rua do não
(Plagiado de Manuel Bandeira)

Is Namara a genius?
He is perhaps a technicolored man.



«O TEMPO E O MODO» N.º
Provas enviadas à Censura em
..... de de 196.....

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

237



(Do diário dum afásico)

hoje 88 de Junhoutubro de mil
novesforacentocinquentamiltoneladas
de TNT achoachao que a chinascope
exagerou a plateia eu LBJ
(diário falso de LBJ)

— EU, ESCALAR? — (ES)cala-
dinho que ainda te lixas.
(Frases apócrifas de man-
cebos americanos)

EXIT NAMARA depois disto e
depois disto valha-me Nosso Namara
dos passos (dum rural)

SPELLMAN HOW DO YOU SPELL
MAN?

— Com dois efes e com dois erres.
Não há nada a fazer, nada. Choremos
o cavalinho.

(Viúva inglesada)

Ietnushenão a Mc. Namara:
Antes de o conhecer julgava que V.
era uma máquina, agora vejo que é
mais humano.

Entre o VIET NÃO e o VIET-SIM
LB Johnson murmura orçamentos
menos choquantes, reuz tax Johnson
— Le Fou é também Johnson le
Sage. Os seus conselheiros sabem até
que ponto, sondagens Gallup e
congêneres, é possível programar a
opinião pública e, evidentemente,
conduzi-la às exigências do establish-
ment.

Os aviões dos EUA, saiem em fila,
meninas bem comportadas, e des-
pejam napalm, como se recitassem
o moralista Emerson. A guerra já
toda a gente sabe, é labortorial, pro-
gramada pelo computador Mac Na-
mara ou por outros computadores
mais humanos como um IBM. Para
alguns generais americanos, exal-
tados e exaltantes, a guerra é deci-



«O TEMPO E O MODO» N.º 5.566

Provas enviadas à Censura em

..... de de 1964.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

238

didamente uma apologia do insecticida, chamado TNT etc. etc. etc.

Como é sabido virginity mães cancer. As concepções virginais do certo generalato EUAsiano, são as de que mais vale o cinto qo que o estradiol, e aqui é a altura de deixar umas linhas para o cardeal Spellman fazer o seu sermão do Natal.

Spellman não encontrou religião no dólar mas dólar na religião. Este cardeal-chefe de empresa compreendeu perfeitamente as vantagens da publicidade sacro-comercial, como também o governo americano ainda melhor compreendeu que beatizar a guerra no vietnam é torna-la acessível a todas as bolsas bem como às opiniões. Neste cardeal equivocada não há sombra de equívocos. O protectorado da religião torna edificante a indústria pesada. Morto Spellman, desaparece, um certo olhar americano.

EXIT MC Namara dá lugar a convulsões em toda a estratégia americana. O Newsweeõ, convertido a Namara, faz-lhe um elogio lacrimajando em várias páginas o desperdício de génios como o todo-poderoso secretário da defesa, burocrata emérito, napoleão dos computadores, fiscal das verbas sucessivas e excessivas, e inventor da famosa barreira electrónica, que como um traço de fracção ou como uma cintura para dama feudal, separaria o vietnam pondo stop na escalation.

Os generais americanos escalantes, evidentemente que rejeitam sempre qualquer travão à sua belicosidade. O fantasma do senador Mc Carty ainda não acabou a sua expiação. As soluções de compromisso do governo EUA tem sido cortar países ao meio, e enquanto com toda a ao meio, e enquanto os hemi-habi-



«O TEMPO E O MODO» N.º 52

Provas enviadas à Censura em
data de 11 de Novembro de 1964

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

239

tantes são incitados à sua reunião com toda a energia do aparelho de propaganda americano, por outro lado efectua-se o desembarque dos contingentes americanos para «apoio e salvaguarda» da democracia em perigo. Foi este o processo usado na Alemanha, e de certo modo Cuba, foi «cortada» do continente sul-americano. Esta pois a nuõ a política externa americana. Descobrir dois países onde só existe um. Nada mais simples. Esceptuando o convite à guerra. Uma aplicação directa e primária dos célebre aforismo do feu cardinal Richelieu.

Entretanto há o blacõ-power e a white fever, há os focos de subdesenvolvimento no interior dos super-desenvolvidos, o descontentamento dos desencantados de JF Kennedy e com mais razão de LBJ, há a formação dos futuros quadros de Bob Kennedy (perigosamente considerado de esquerda), e começa a desenhar-se a formação, múltipla, contraditória, a New-Left americana, desligada é claro de qualquer ãenedismo por mais progressivo que este seja. Aliás ser ãennedista progressivo é ser um liberal inquieto, misto de puberdade. ptogressista e de dálar-bom-amigo. Ou como diria Pessoa, é uma coisa onde está indistinta a distinção entre nada e coisa nenhuma. Há ainda os generais pacifistas, os que querem retirada imediata, e por detrás de tudo isto as fundações Rocõfeller de isto tudo.

No seu sermão do Natal do ano passado, Spellman, fez flores. Para ele a «gesta de Rolando» estar-se-ia repetindo. a canção de Rolando adaptada a reactores? Spellman continuou na sua oratória sacra. A libra desceria muitos meses mais tarde. Namara também.

M. C. M.



«O TEMPO E O MODO» N.º 52

Provas enviadas à Censura em

8 de de 1961.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

240

gam a uma revisão do conceito, revisão que não consiste em renegá-lo mas sim em aprofundá-lo e desenvolvê-lo. Urge saber o que é e como deve ser entendido o diálogo em 1968, quais as formas de o tornar mais eficaz e presente no momento que passa aqui e agora e num mundo transformando.

Assim, e para além dum número especial e de colóquios que tencionamos consagrar a esse tema, procuramos, desde agora, na dialéctica interna da Revista, contrapor um diálogo de atitude a certas formas de equívoco ou síntese que tenderiam a um eclectismo ou neutralismo de que por vezes fomos acusados. O diálogo continua aberto àqueles para quem ele não é um fim, mas um instrumento de reflexão, não uma meta apaziguante, mas um princípio da sociedade pluralista que defendemos e queremos, substituindo-se à desordem estabelecida em que vivemos. Não será um gesto que como gesto se contenta, mas o incessante pôr em questão das nossas opções pelas opções de outros, desde que, umas e outras, se não contentem em impôr ou sugerir, em qualquer dos campos sobre que se exerce a nossa análise, a aceitação de um compromisso reformista.



«O TEMPO E O MODO» N.º 56
Provas enviadas à Censura em
..... de de 196..

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

243



A renovação não ficará por aqui: ao longo de cinquenta e seis números O TEMPO E O MODO conseguiu criar uma tradição de qualidade, de independência e de profundidade de análise que interessa manter e alargar. Dentro dessa perspectiva procuramos mais incisivamente debruçar-nos sobre os problemas da nossa actualidade: da agricultura ao ensino, das artes plásticas e audio-visuais ao ensaísmo literário, das instituições familiares à emigração, da cultura de massas à saúde e assistência social. Há um mundo de problemas em que ainda não tocámos e que, na medida em que no-lo deixarem, tencionamos abordar de forma mais desenvolvida e sistemática.

Estas, algumas linhas de continuidade, estas algumas linhas de renovação. É evidente que umas e outras não esgotam o que há a fazer e que, umas e outras não ficarão nestas palavras, sob pena de não haver nem continuidade nem renovação. Serão os nossos leitores que farão a nossa renovação, pois é para eles que continuamos e é para eles que nos renovamos.

O TEMPO E O MODO

245



«O TEMPO E O MODO» N.º.....

Provas enviadas à Censura em

..... de de 196.8

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDL)
AUTORIZADO
COM
CORTES

ciário. Vários nomes novos (Alfredo Barroso, Jaime Gama, A. S. Baptista, etc.) alguns antigos que se tornarão a partir de agora mais usuais (Manuel Lucena, Cesário Borga Martins, Sarsfield Cabral, Salgados de Matos, Alberto Costa, etc.) e muitos assuntos exemplares: a Libra, o Congresso dos Leigos, Chipre, América Latina, os problemas do trabalho em Portugal, ~~as inundações~~.

~~Um poema contestativo de Ruy Cinatti e um conto de Manuel da Fonseca abrem a secção de Artes e Letras, neste número ainda não tão renovado como gostaríamos. Fala-se, outra vez, sobretudo de cinema: Bonnie e Clyde, Falstaff. Os Melhores Filmes do Ano. Além disso, um acontecimento: uma entrevista inédita com Nicholas Ray, de Rui Nogueira.~~

Fecha o número com uma carta de Lugano, onde, a um congresso de revistas, dois de nós foram em nome de O TEMPO E O MODO: do que lá se passou aí se achará referência.

E é este o primeiro número de O TEMPO E O MODO renovado. Ainda não tanto, como gostaríamos e queríamos. Mas o suficiente para dar o tom. E o resto adiante virá.



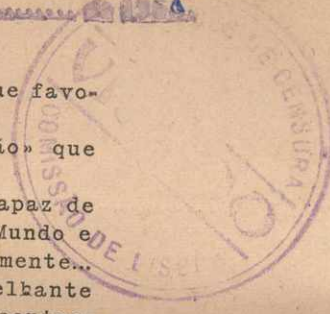
«O TEMPO E O MODO» N.º 53
Provas enviadas à Censura em
..... de de 1964

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉC. I)
AUTORIZADO
COM
CORTES

248

Provas enviadas à Censura em

11 de Novembro de 1918



seguirem segregar forças de reflexão e de contestação que favorecem um melhoramento constante do sistema».

Esta mesma afirmação «segregou forças de contestação» que «favorecem» um debate cheio de interesse.

E mais adiante «o sistema capitalista mostra-se incapaz de promover um desenvolvimento económico rápido no Terceiro Mundo e a situação na Ásia, América Latina e África degrada-se lentamente...

... Mas para aplicar um modelo de desenvolvimento semelhante ao da Europa do século XIX, é preciso que o poder não seja contestado e que ele possa impor sacrifícios à população. Será isto possível ainda na era das comunicações internacionais? Será compatível com um esforço de promoção das massas que são as mesmas em cujas costas o desenvolvimento se terá de apoiar? Será possível que as elites não façam uma política reaccionária, que impeça a tomada de consciência das populações...?» Aplausos.

E a terminar este ponto: «O nosso mundo encontra-se perante um problema magno: os países capitalistas desenvolvidos serão capazes de distinguir os valores da civilização industrial e de os propor ao Terceiro Mundo sem lhes impor todo o resto do sistema?»

Muito se disse depois acerca da comunidade europeia, dos seus bens e dos seus males. Se, por um lado, «os membros dessas altas instâncias europeias conseguiram interiorizar o valor de uma lealdade supra-nacional» a qual «sustentada por uma formação técnica geralmente notável, permite aos corpos de funcionários europeus contrabalançar as tendências nacionalistas, apresentando propostas (alternativas) que ultrapassam o nível de solução baseado no mínimo denominador comum», é verdade por outro lado que «a integração europeia poderá servir para inventar um nacionalismo europeu e institucionalizá-lo»... «Para o combater, os Europeus deverão começar por combater o seu próprio nacionalismo, e não os dos outros. E combatê-lo não apenas nos seus excessos mas nas suas formas latentes e embrionárias»... «A Europa tem de libertar-se de justificações tipicamente nacionalistas como os europeus têm um passado e uma cultura comum, a Europa deve constituir uma terceira força, a Europa tem uma missão a cumprir. A Europa não tem já missão, no sentido tradicional do termo. O que ela tem é uma responsabilidade mundial: a de provar que se pode ultrapassar a fase de estado-nação». «É nesta perspectiva que os grupos de reflexão têm um trabalho a fazer»... «Lembremo-nos de que a noção de justiça, por exemplo, sofreu também evoluções (primeiro segundo o nascimento, depois segundo o mérito, depois segundo a necessidade). Assim também a comunidade humana não se justifica pela boa vontade ou pelo mérito dos seus membros, mas pela necessidade técnica e tecnológica e pelas carências dos mais pobres».

«A Europa só dará um passo no sentido de uma sociedade mundial quando se mostrar capaz de acolher no seu círculo de sujeitos

SERVIÇOS DE CENSURA

(SÉ-DE)

AUTORIZADO

COPIA

257